Questão de competitividade

A economia globalizada provoca deslocamentos de produção e as questões de competitividade estão tomando extrema importância

EDUARDO BELISÁRIO FINAMORE

O setor de leite está passando por rápidas transformações. A criação de novas tecnologias intensivas em capital gera benefícios imediatos para aqueles que as adotam. Até onde vai esse processo? Como ocorre a dinâmica econômica e qual a relação entre os custos da empresa e os preços de mercado?

Noções fundamentais

O preço de mercado é formado pela inter-relação da oferta agregada com a demanda agregada de leite. Não vamos diferenciar os vários mercados que ocorrem num país do tamanho do Brasil; seria preciso fazer uma análise espacial e a delimitação de zonas de influência da região onde o produtor atua.

A distinção entre *ex ante* e *ex post* ou entre longo e curto prazo é particularmente importante, assim como a distinção entre relações micro e macroeconômicas. Ao contrário das funções de produção micro, a função de produção macro é, depois de tudo, uma entidade fictícia. Não existe um único tomador de decisão macroeconômico que aloque otimamente os recursos ou tente maximizar os lucros coletivamente com base nessa função.

Para analisar essa conexão, é preciso levar em conta que as firmas diferem em eficiência produtiva. Se todas fossem idênticas em eficiência, compartilhariam de uma função de produção idêntica. As unidades microeconômicas seriam todas homogêneas e não seria necessário distinguir micro e macro: as funções micro poderiam ser somadas para render uma unidade macro e não existiriam problemas de agregação.

Pensar a distribuição de tamanho das firmas na indústria é imaginar uma distribuição de eficiência entre essas firmas. A função de produção agregada, que gera a oferta agregada, depende crucialmente dessa distribuição de eficiência. É esse o elo perdido na análise de produção em que o conceito de "firma representativa" *à la* Marshal é inaplicável.

Não vamos examinar as propriedades teóricas e empíricas da distribuição de eficiência incluindo suas formas mais plausíveis e sua estabilidade sobre o tempo, mas apenas sua direção de mudança.

Quando mudam as funções de produção

Na conexão entre natureza *ex ante* e *ex post* da função de produção microeconômica, a função de produção e o estoque de capital já existem *ex post*. Eles são dados e representam o curto prazo. O que importa é saber como o produto é alterado quando se altera o emprego de um fator: o deslocamento da distribuição de eficiência desloca também a função de produção agregada.

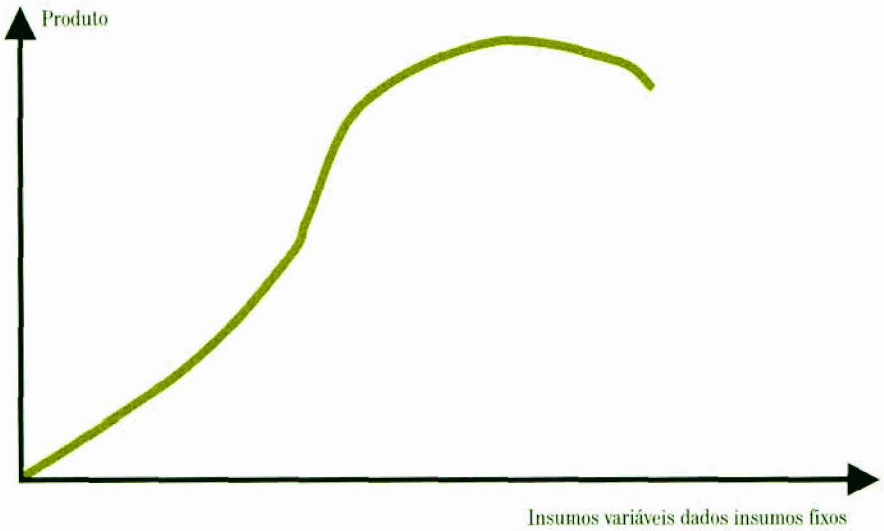
E como se dá a mudança das funções de produção micro? Aqui se trata de pensar na função de produção *ex ante*, representando o grupo das técnicas mais avançadas disponíveis. O progresso técnico desloca essa função *ex ante*. Algumas firmas inovadoras escolhem as técnicas de "melhores práticas" ao longo dessa função e tornam-se portanto as mais eficientes. As defasagens de adaptação criam diferenças entre as firmas.

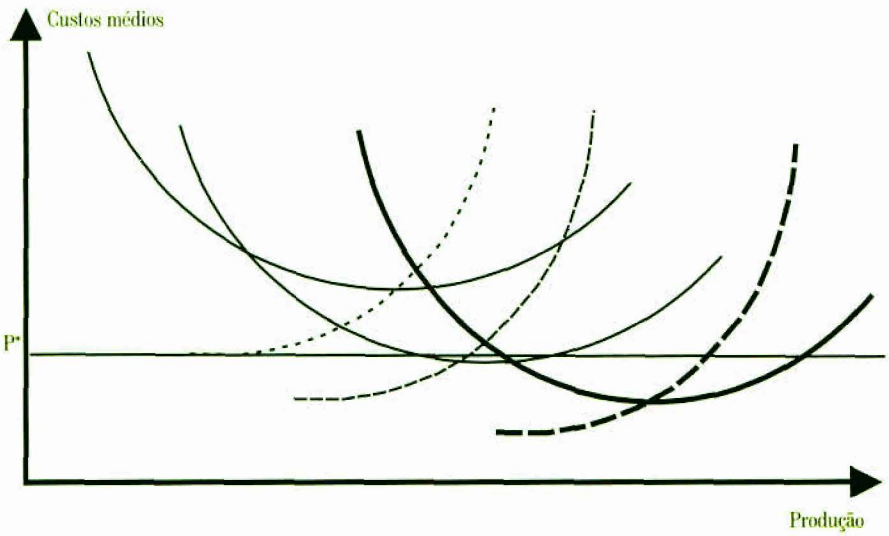
Naturalmente, as funções *ex post* diferem das funções *ex ante*. A função *ex ante* mostra as melhores combinações de insumos para produzir um dado nível de produto e os produtores têm de escolher uma técnica entre muitas alternativas.

Uma técnica é caracterizada por uma coleção de bens de capital com certas especificações. Uma vez instalados esses bens, os produtores não podem alterar suas técnicas de produção, a menos que seus bens de capital sejam modificados em sua especificidade ou completamente trocados por outros.

As funções *ex post* são de curto prazo, pois as técnicas são fixas. A teoria microeconômica mostra que a curva envelope de







funções de curto prazo é a função de longo prazo na qual todos os insumos são variáveis. Em outras palavras, no nível micro, a função de produção de longo prazo é a função *ex ante* da qual as funções *ex post* ou de curto prazo são geradas.

Ilustrando a teoria

Podemos resumir o que foi descrito em dois gráficos. O primeiro mostra uma função de produção de três estágios. O eixo vertical representa o valor do produto e o horizontal representa uma cesta de insumos.

Essa função é uma espécie de curva universal onde a maioria dos fenômenos da natureza estão envolvidos. Supõe-se fixa a quantidade de capital, isto é, a tecnologia e a quantidade de certos fatores de produção. Isto é, existe uma fase de retornos crescentes, e à medida que se acrescentam mais insumos, o produto aumenta mais que proporcionalmente, passando por uma fase de retornos constantes e finalmente alcançando uma fase de retornos decrescentes.

O tipo de rendimentos crescentes, muito citado nos textos teóricos, é pouco relevante do ponto de vista prático e deve ser evitado pela empresa, pois aos rendimentos crescentes de um fator corresponde a produtividade marginal negativa de algum outro.

Dessa função de produção podemos chegar à função custo. Devemos lembrar que a forma da função custo, em U (gráfico 2) é relacionada à forma da função de produção que a originou. A fase de custos médios decrescentes se deve aos insumos fixos, que, à medida que se aumenta a produção, tornam-se cada vez menores. Os custos variáveis também contribuem para essa tendência.

As linhas cheias representam as curvas de custo médio de três fazendas com diferentes níveis de eficiência. As linhas descontínuas representam suas respectivas curvas de custo marginal. A linha paralela ao eixo horizontal é o preço de mercado, dado pela interação entre a oferta agregada e a demanda agregada. A esse preço de mercado, a planta não é competitiva, sendo melhor cessar a atividade. A segunda planta produzirá com lucro zero, e a terceira obterá lucro supernormal.

O nível ótimo de operação

Nas planilhas, o custo de oportunidade do empresário e o nível de juros que deve remunerar o capital devem ser especificados.

A taxa de juros utilizada em planilhas é o custo de oportunidade da remuneração do capital e normalmente varia entre a taxa de remuneração da poupança e a de títulos públicos. A escolha de uma ou outra taxa desloca a curva de custo médio para cima ou para baixo. O mesmo ocorre com o custo de oportunidade do empresário.

No caso do gráfico 2, o empresário da função de custo médio mais elevada, na tentativa de manter-se na atividade, poderá rever seus custos (para baixo, é claro) até que possa alterar sua tecnologia. O empresário então poderá trocar a sobrevivência da empresa por uma sobrevivência pessoal, mais parcimoniosa.

A sobrevivência da empresa é garantida pelo fazendeiro que possui a função custo de lucro zero. Ao preço de mercado, ele paga todos os seus custos fixos e variáveis.

Mas e quanto ao longo prazo? Por quanto tempo ele será competitivo?

A sobrevivência de longo prazo nesse exemplo só é garantida pelo terceiro empresário, que tem a oportunidade de lucros supernormais. Além de garantir sua própria sobrevivência, como agente de produção, remunerar seu capital com juros *normais*, ele obtém um excedente para agregar ao seu estoque de capital anterior.

Esse é o princípio básico do crescimento econômico: amanhã melhor do que hoje. Essa firma tem o melhor potencial

e a melhor probabilidade de sobrevivência e de crescimento a longo prazo.

Teoria econômica evolucionária

Schumpeter discute a questão: a expectativa de adquirir esse valor na forma de lucros de monopólio temporário incentiva ao engajamento numa corrida para ser o primeiro a produzir a nova tecnologia ou informação. O período do monopólio pode não ser muito longo quando comparado com a vida do produto na sociedade.

Mas a agricultura não opera em ambiente de competição perfeita e de lucro zero? Isso é uma simplificação teórica e apenas um ponto de partida. O mercado é heterogêneo e as diferenças fazem parte do mundo real. O lucro supernormal provavelmente não atrairá novos competidores mas incentivará a adoção de novas tecnologias pelos produtores que já estão na atividade, os quais de outro modo terão que abandoná-la.

A teoria econômica evolucionária acentua que a propagação de um novo conhecimento – no caso envolvendo tecnologia e eficiência – é freqüentemente conectada à expansão de capital. A expansão da firma que tem o comando do conhecimento ocorre porque ela obtém um lucro que lhe permite investir. O mecanismo funciona se houver oportunidade para transferir riqueza – através do mercado de capitais por exemplo – de áreas menos para outras mais lucrativas, sendo a área mais lucrativa a que adquiriu o conhecimento.

Os caminhos do conhecimento

Outro mecanismo de propagação é a imitação. A firma observa o que os competidores estão fazendo melhor que ela e detecta o porquê, absorvendo a nova técnica.

O primeiro mecanismo é baseado nos recursos gastos pela firma líder, ao passo que o segundo é baseado no uso dos recursos pela firma que está atrás.

Um terceiro mecanismo de propagação é assumido em modelos ditos epidêmicos, similar mas não idêntico ao segundo.

A diferença se baseia na idéia de pesquisa. Nos modelos de imitação, a pesquisa tende a ser ativa; os agentes se engajam numa ação para descobrir a informação que podem usar. Em modelos epidêmicos, as pessoas que têm a nova informação alcançam aquelas que não a têm, e de algum modo o conhecimento se transfere de lugar, como por exemplo pela contratação dos consultores de outra firma.

O que a história da difusão aponta é que o que está sendo disseminado não é a produtividade do fator. O que se difunde é um conhecimento muito particular de como fazer as coisas. A qualquer momento esse conhecimento será desigualmente distribuído.

A distribuição de eficiência deve ser considerada se quisermos descrever a economia como um todo no qual diferentes pessoas sabem coisas diferentes. A conseqüência disso é que a idéia de uma função de produção agregada torna-se muito dúbia, a menos que uma nova variável seja introduzida, representando a distribuição e a difusão do novo conhecimento.

A função de produção agregada, que gera a oferta agregada, depende crucialmente dessa distribuição de eficiência. É esse o elo perdido na análise de produção em que o conceito de "firma representativa" à la Marshal é inaplicável.

Variância da distribuição do conhecimento

Espera-se que os ganhos de produtividade sejam tão maiores quanto maior for a variância da distribuição do conhecimento. Isso pode explicar por que não só o nível médio de conhecimento é relevante, mas também sua distribuição.

No longo prazo, o deslocamento da escala da fazenda para uma tecnologia superior leva a firma a ter rendimentos crescentes de escala, chamados de externos à firma. O crescimento perpétuo é possível na presença de retornos crescentes à escala ou externalidades.

Até aqui falamos de questões relativas ao futuro do empresário e da empresa. E quanto ao setor leiteiro como um todo? As importações mostram que a eficiência do setor como um todo ainda é vulnerável e portanto é preciso aprender o processo de ajustamento estrutural, particularmente a dinâmica do setor agrícola num contexto de globalização.

Os processos de ajustamento estrutural têm tornado possível a alguns países em desenvolvimento explorar mais diretamente suas vantagens comparativas nacionais e regionais.

Durante os anos 90, a globalização da economia mundial estimulou um fluxo de capital sem precedentes. A expansão das telecomunicações e serviços de informática, embarque e transporte internacional e novas tecnologias, incluindo as aplicações de biotecnologia e redes de informações, também influenciam a globalização econômica. Bens, capital e idéias passaram a ser transportado mais facilmente, criando tanto riscos como desafios.

Anteriormente, os sistemas de mercado de alimentos trabalhavam dentro de estruturas paraestatais controladas e ineficientes, em parte planejadas para trazer benefícios sociais máximos, e não para determinar valor, suprindo os produtores de serviços e oportunidades de valor adicionado.

Os sistemas de mercado competitivos e dinâmicos são reconhecidos como o principal meio de assegurar crescimento econômico ótimo. Com os sistemas econômicos nacionais liberalizados e as tarifas reduzidas dramaticamente, têm ocorrido deslocamentos de produção nacional, regional e internacional e as questões de competitividade estão tomando extrema importância.

E então, o que você está fazendo aí parado?

Eduardo Finamore *é doutorando em Economia Rural – UFV/MG.*
E-mail: *finamore@alunos.ufv.br*